

Impedindo a China de ocupar as Ilhas Senkaku e Taiwan até 2025*

MARTY J. REEP

Duas questões de segurança na região do Indo-Pacífico continuam a crescer: o aumento das tentativas da China de tomar o controle das Ilhas Senkaku do Japão e o desejo de Pequim de forçar militarmente Taiwan a unificar-se com a China. Em 2025, seja devido a uma grave crise econômica mundial, um enorme terremoto no Japão ou um tufão em Taiwan, os dirigentes de Pequim poderiam utilizar o(s) desastre(s) para explorar qualquer uma das conjunturas, alterar o equilíbrio regional de poder e assumir o controle dos territórios dos seus vizinhos. De modo semelhante, o controle sobre a produção de microchips em Taiwan pela China teria um impacto imensurável no mundo.¹ Embora uma ou ambas as conjunturas poderiam tornar-se um catalisador para levar os Estados Unidos a uma guerra com a China nos próximos dois anos, os líderes dos EUA podem se antecipar às possíveis situações e alterar as suas consequências.

Questão de segurança: a China toma as Ilhas Senkaku do Japão

Por mais de um século, o Japão, a China e Taiwan reivindicaram a posse das Ilhas Senkaku no Mar da China Oriental (ECS). Esse arquipélago é vital para o controle marítimo do Japão, a liberdade internacional de navegação, os recursos naturais acima e abaixo da água e a defesa militar. O Japão anexou as Ilhas Senkaku durante a Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894–1895).² Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA administraram o controle das ilhas até 1970, quando devolveram o controle ao Japão.³ Desde então, a maior parte da comunidade internacional reconheceu as ilhas como território do Japão. Quando pesquisas geológicas na década de 1970 revelaram depósitos de petróleo e gás natural em torno das Ilhas Senkaku, a China renovou sua reivindicação do arquipélago. As tensões chegaram ao auge em 1978, quando o governo chinês enviou mais de 100 barcos de pesca para as ilhas, com o objetivo de assumir o controle da região.⁴

Ao longo das últimas décadas, a China busca tornar-se o Estado dominante na região do Indo-Pacífico e no mundo e tem trabalhado para criar uma transição de poder.⁵ No longo prazo, Pequim busca estabelecer o controle da segunda cadeia de

*Publicado em inglês, espanhol e português em colaboração com a *Revista de Assuntos do Indo-Pacífico da USAF*

ilhas, mas antes de poder fazê-lo com sucesso, a China deve controlar a primeira cadeia de ilhas, o que inclui as ilhas do Arquipélago Senkaku.⁶ Com essa informação, os Estados Unidos poderiam utilizar a sua própria *Estratégia de Segurança Nacional (ESN)* para combater a tentativa de transição de poder da China.⁷

Como as Ilhas Senkaku fazem parte da cadeia de ilhas mais próxima da China e longe de reforços imediatos dos EUA, os Estados Unidos devem contar com parceiros e aliados para amplificar o poder e a influência dos EUA na região.⁸ Embora a China e o Japão tenham afirmado que não pretendem entrar em guerra um contra o outro, nenhum dos lados está recuando do lento aumento das tensões na ECS. Analogamente, de acordo com uma aliança militar de 1960 entre os Estados Unidos e o Japão, o primeiro compromete-se a defender o Japão em caso de ataque de outro Estado.⁹ Assim, Washington tem interesse nas ações da China em relação ao território do Japão – incluindo as Ilhas Senkaku.

Um dos objetivos da ESN é incentivar os governos de estados a crescer democraticamente e a ter sucesso financeiro.¹⁰ Dessa forma, os antigos líderes dos EUA pensavam que, à medida que a China crescesse em riqueza e em produto interno bruto (PIB) durante a década de 1990 e no início da década de 2000, iria adotar o capitalismo gradualmente como modo de vida. Até agora, os líderes da China não seguiram a mesma lógica. Em vez disso, eles usaram seus novos recursos financeiros para reprimir pessoas e organizações que se opunham ao governo central durante esse período e continuaram a fazê-lo nos últimos anos.¹¹ À medida que a China continua a aumentar o seu PIB e a desenvolver as suas forças armadas, uma das preocupações dos Estados Unidos é o fato de a China querer dominar mais a cena mundial.¹² Para assumir a liderança, a China precisaria provocar uma transição de poder a nível mundial.

As partes I-III da ESN são importantes para manter o equilíbrio de poder na região e, especificamente, frustrar o interesse da China em arrancar as Ilhas Senkaku do Japão. Uma vez que os acordos e as interações entre os Estados possuem múltiplas camadas e são multifacetadas, a utilização de todos os fatores da ESN é inestimável: a política de Estado, redes cibernéticas, forças armadas e economia.¹³ Como tal, a ESN fornece aos líderes dos EUA uma grande variedade de estratégias que podem ser empregadas e executadas, conforme a que melhor se adaptar à situação no ECS e áreas circundantes. Assim, se uma das opções na ESN não funcionar, outras opções ainda estarão disponíveis. À medida que a tentativa de transição de poder continuar a se desenrolar ao longo do tempo em todo o mundo e, especificamente, com as Ilhas Senkaku, Washington precisará aderir à sua estratégia nacional.

Questão de segurança: a China invade Taiwan

Se a China invadisse Taiwan, os Estados Unidos poderiam iniciar uma resposta com uma estratégia coerciva em vários domínios, incluindo o poder aéreo, espacial e cibernético. De acordo com as orientações da Publicação Conjunta 3-0 (JP 3-0): *Operações Conjuntas*, o Grupo de Planejamento de Operações Conjuntas (JOPG) levaria em conta as capacidades e componentes da Força Aérea dos EUA em conjunto com as de outros serviços.¹⁴ Especificamente, a JP 3-0 trata da “Campanha do Teatro” e da “Exibição de Operações de Força” relacionadas com o cenário da China invadindo Taiwan.¹⁵ Da mesma forma, o trabalho de Karl Mueller sobre coerção destaca e explica em profundidade o valor e os custos de coagir um governo estrangeiro e seus militares a recuar de ações contra outro Estado.¹⁶

Uma estratégia de poder aéreo coerciva proporcionaria uma demonstração de força visível e imediata para influenciar a China a reverter as suas ações contra Taiwan e a retirar as suas tropas. O poder aéreo também asseguraria rapidamente a Taiwan que os Estados Unidos protegeriam e defenderiam o seu Estado parceiro.¹⁷ Sobrevoos de caças poderiam negar à China acesso ao espaço aéreo de Taiwan. Interferência e tática de proteção de forças (overwatch) poderiam proteger os sistemas de comunicação e sensores na região.

Em seguida, a estratégia de poder espacial coercitiva limitaria e diminuiria o acesso da China às comunicações entre seus centros de comando e ativos implantados no Mar do Sul da China e no Estreito de Taiwan. O poder espacial muitas vezes não é visto e passa despercebido quando está funcionando corretamente. No entanto, quando os canais de comunicação e as capacidades de transferência de dados de um Estado são removidos, isso geralmente chama a atenção dos líderes estrangeiros – de forma contundente. Do bloqueio dos sistemas de satélite da China até a degradação das suas comunicações, várias opções viáveis estão à disposição dos tomadores de decisão. Consequentemente, embora sofisticação, sutileza e cautela sejam as características que se espera da política de Estado, uma resposta rápida e orientada por resultados é necessária se a China invadir Taiwan, em quaisquer circunstâncias.¹⁸

Embora o poder aéreo e o poder espacial sejam muitas vezes vistos separadamente, há uma parte adicional destas duas estratégias coercivas que combina tecnologias de ambas: a ameaça da utilização de mísseis. Os mísseis lançados do ar – cinéticos e nucleares – existem com o objetivo de lembrar ao destinatário pretendido que existe a opção de um impacto ainda maior e mais visível. Os mísseis lançados do ar utilizam aeronaves e o sistema de orientação de precisão de satélites como meio de lançamento ao teatro. Esta opção acrescenta um grande poder de influência às estratégias coercivas aéreas, espaciais e cibernéticas.

Além disso, uma estratégia de poder cibernético coercitiva poderia estrangular a capacidade da China de conduzir uma variedade de funções que são críticas para uma invasão bem-sucedida no século XXI.¹⁹ Por exemplo, as opções incluem sabotagem, negação de serviço (DoS), ataques à rede de energia elétrica, propaganda e perturbação econômica.²⁰ E, se necessário, os técnicos poderiam demonstrar uma amostra de poder cibernético coercivo extremo, fazendo com que partes da China continental ficassem às escuras.²¹

Para dissipar a invasão de Taiwan pela China, a Força Aérea (FA) deve estar pronta, disposta e capaz de lançar as estratégias e opções de poder coercitivas listadas acima, como parte de uma estratégia conjunta maior. Os líderes e pessoal apropriados da USAF podem implementar os planos e programas necessários para ter sucesso nesse empenho. Além disso, os Estados Unidos precisam proteger sua estabilidade econômica aumentando a produção de microchips internamente. Ou seja, ao reduzir sua dependência de fontes externas para microchips, os Estados Unidos estariam mais bem posicionados em caso de uma interrupção na produção de Taiwan.

Em resumo, duas questões de segurança continuam a crescer na região do Indo-Pacífico que têm impactos profundos em todo o mundo: o desejo da China de assumir o controle das Ilhas Senkaku e as declarações de Pequim sobre a unificação forçada com Taiwan. Um ou mais desastres no segundo semestre de 2025 podem abrir a porta para que ambas as situações hipotéticas se tornem realidade. Portanto, os Estados Unidos precisam estar preparados para as intenções da China e evitar que elas aconteçam. □

Notas

1. Lucas Tomlinson, “Global microchip shortage has China eyeing Taiwan: Some worry China may use military force to seize Taiwan and its microchip industry,” (A escassez mundial de microchips faz a China crescer o olho sobre Taiwan: alguns temem que a China possa usar a força militar para tomar Taiwan e sua indústria de microchips), Fox Business, 1 May 2021, <https://www.foxbusiness.com/>.

2. Seokwoo Lee, “Boundary and Territory Briefing: Territorial Disputes among Japan, China, and Taiwan Concerning the Senkaku Islands,” (Briefing sobre fronteiras e territórios: disputas territoriais entre Japão, China e Taiwan sobre as Ilhas Senkaku) International Boundaries Research Unit 3, no. 7, (2002), <https://www.durham.ac.uk/>.

3. Lee, “Boundary and Territory Briefing,” (Briefing sobre fronteiras e territórios) 7.

4. Koichi Sato, “The Senkaku Islands Dispute: Four Reasons of the Chinese Offensive: A Japanese View,” (A disputa das Ilhas Senkaku: Quatro razões da ofensiva chinesa: uma visão japonesa) Journal of Contemporary East Asia Studies 8, no. 1, (2019): 50–82, 23 June 2019, <https://www.tandfonline.com/>.

5. Frederick Kempe, “China is making a global power play, and the US response is coming up short,” (A China está fazendo uma jogada de poder global e a resposta dos EUA é insuficiente), *CNBC*, 27 April 2019, <https://webcache.googleusercontent.com/>.
6. Wilson VornDick, “China’s Reach Has Grown; So Should the Island Chains,” (O alcance da China cresceu: o mesmo deve acontecer com as cadeias de ilhas), Asia Maritime Transparency Initiative and The Center for Strategic and International Studies, 22 October 2018, <https://amti.csis.org/>.
7. *National Security Strategy* (Estratégia de Segurança Nacional) (Washington, DC: White House, 2022), 23–24, <https://www.whitehouse.gov/>.
8. *National Security Strategy*, (Estratégia de Segurança Nacional).
9. “Treaty of Mutual Cooperation and Security Between the United States and Japan,” (Tratado de Mutua Cooperação e Segurança entre os Estados Unidos e o Japão), 19 May 1960.
10. *National Security Strategy*, (Estratégia de Segurança Nacional), 41.
11. Vivian Wang, Austin Ramzy, and Tiffany May, “With Mass Arrests, Beijing Exerts an Increasingly Heavy Hand in Hong Kong,” (Com prisões em massa, Pequim aumenta a repressão em Hong Kong), *New York Times*, 6 January 2021, <https://www.nytimes.com/>.
12. Steve Chan, *China, the U.S., and the Power Transition Theory: (China, EUA e a teoria da transição de poder: uma crítica)*, (New York: Routledge, 2008), 2–10.
13. *National Security Strategy*, (Estratégia de Segurança Nacional) 6–34.
14. Joint Publication 3-0: Joint Operations, (Operações Conjuntas), 17 January 2017, V-1–VI-12.
15. *Joint Operations*, (Operações Conjuntas), V-5 – V-7, VI-10.
16. Karl Mueller, “Strategies of Coercion: Denial, Punishment, and the Future of Air Power,” (Estratégias de Coerção: Negação, Punição e o Futuro do Poder Aéreo) *Security Studies* 7, no. 3 (Spring 1998): 182–228, DOI: 10.1080/09636419808429354.
17. Michael R. Pompeo, “Lifting Self-Imposed Restrictions on the U.S.-Taiwan Relationship,” (Retirando as restrições autoimpostas na relação entre EUA e Taiwan), US Department of State, 9 January 2021, <http://web.archive.org/>.
18. Bernard Brodie, *Strategy in the Missile Age*, (Estratégia na Era dos Mísseis). RAND Report R-335 (Santa Monica, CA: RAND Corp., January 1959), 267.
19. Max Smeets, “The Strategic Promise of Offensive Cyber Operations,” (A promessa estratégica das operações cibernéticas ofensivas), *Strategic Studies Quarterly* 13, no. 3 (Fall 2018), 90–93, 103–104, <https://www.airuniversity.af.edu/>.
20. Eric Sterner, “Retaliatory Deterrence in Cyberspace,” (Dissuasão retaliatória no ciberespaço), *Strategic Studies Quarterly* 5, no. 1 (Spring 2011), 69–71.
21. Gabriel Sol, “Op to Own the Core Router,” (Op para possuir o principal roteador), *Snowden*, directed by Oliver Stone (Los Angeles, CA: Open Road Films, 2016), 1:41:45–1:43:00.

Marty J. Reep

O Sr. Reep é pesquisador e previsor. Ele previu a semana de início da invasão russa da Ucrânia em 2022 com três meses de antecedência. Além disso, num artigo de investigação publicado em Fevereiro de 2019, previu a queda do PIB dos EUA em Março de 2020, com um ano de antecedência. Liderou o treino de operações especiais no Aeródromo do Exército Pope e o treino de satélites espaciais na Base da Força Espacial de Vandenberg. Concluiu o Air War College em 2021.